

A incógnita do voto étnico

Publicação: [O Mundo em Português Nº57](#)

Data de Publicação: Novembro/Dezembro de 2004

Autor: Teresa Botelho

Quem acompanhou a cobertura televisiva das convenções dos partidos Democrata e Republicano feita este Verão pelas grandes cadeias norte-americanas, terá decerto constatado uma mudança subtil na sua estratégia editorial, muito reveladora do novo cenário demográfico em que as presentes eleições se desenrolam.

A CNN, que habitualmente congrega um painel de comentadores que, no final de cada dia de convenção, avalia o desempenho de estrategos partidários e oradores junta, por norma, aos porta vozes da opinião conservadora e liberal, um representante do voto étnico, tradicionalmente uma personalidade afro-americana. Este ano, porém, a figura mais constante nestes painéis foi Jorge Ramos, o popular jornalista do canal Univision, que transmite em língua espanhola. Uma consulta aos sites dos partidos revelou que, pela primeira vez, ambos ofereciam traduções em tempo real dos trabalhos das convenções, desde os documentos políticos aos discursos. Nunca como este ano o voto hispânico foi tão cortejado nem nunca como este ano um segmento específico do eleitorado étnico poderá ser tão decisivo.

Cada voto conta O velho aforismo de todas as eleições – cada voto conta – adquire, no contexto das eleições presidenciais americanas, uma especial pertinência em virtude do carácter indirecto do voto, já que o que será realmente decidido a 2 de Novembro será a composição de um Colégio Eleitoral de 538 membros (à partida comprometidos com um ou outro candidato) que elegerá o presidente. Neste Colégio, cada Estado tem direito a um número de representantes determinado em função da sua população. Este sistema, que data dos primórdios da república, passa normalmente despercebido porquanto se verifica, em regra, uma coincidência entre o voto popular e a composição do Colégio Eleitoral.

No entanto, pode também dar azo a embaraçosos equívocos democráticos, nas poucas ocasiões em que, sendo a disputa eleitoral muito renhida, estas duas vontades não coincidem. Foi o que sucedeu em 2000, quando Al Gore obteve mais 500 mil votos do que George W. Bush, mas elegeu menos membros do Colégio Eleitoral. Esta potencial

distorção da expressão da vontade popular resulta, por sua vez, da forma como os delegados ao Colégio são seleccionados. Na ausência de um método de representação proporcional, o total da delegação de cada Estado é concedido ao partido que obtiver mais votos. Assim se perderam, em 2000, todos os votos republicanos no Estado de Nova Iorque, que elegeu uma delegação de 31 membros totalmente democrata, e assim se perderam todos os votos democratas no Estado da Florida, quando, ao não autorizar uma recontagem de votos, o Supremo Tribunal atribuiu aos republicanos o total da delegação de 27 a que o Estado tem direito.

Assim se explica que, em Estados como o Novo México, onde em 2000 os dois candidatos ficaram separados por apenas 366 votos, se tenha especial consciência da importância de cada voto. E assim se entende a importância que os partidos atribuem a grupos étnicos minoritários se estes se congregarem em Estados onde se prevêem resultados muito próximos.

Quièro su Voto Várias conjecturas sobre a composição e o comportamento eleitoral das minorias étnicas estão a ser postas à prova nestas eleições. Até 2000, assumia-se tacitamente que o voto étnico era domínio do partido democrata – o que parece continuar a ser verdade se se considerarem os grupos étnicos mais antigos (incluindo o eleitorado afro-americano) se bem que mesmo estes já estejam a deixar de funcionar como um bloco politicamente uniforme. O que, relativamente as últimas presidenciais, começa a alterar os cálculos políticos é a nova capacidade de penetração dos republicanos em núcleos étnicos até então negligenciados.

Um desses eleitorados é constituído pela comunidade asiática, maioritariamente de origem chinesa que, segundo o último censo, excede já 13 milhões, 5% da população. A sua concentração em Estados-chave, como Califórnia ou Nova Iorque, onde a percentagem relativa é muito maior, confere-lhe um significado especial nas presidenciais. O grande sucesso desta comunidade torna o seu comportamento eleitoral uma incógnita, na medida em que a pode afastar de causas políticas a que são mais sensíveis eleitorados imigrantes economicamente mais frágeis. Com um rendimento médio superior ao de qualquer outro grupo étnico e um índice de habilitações académicas que ultrapassa largamente a média nacional, a chamada «minoría modelo» poderá vir a desviar-se da sua tradicional inclinação pelos democratas.

Uma das incógnitas destas eleições reside em saber qual será a recompensa dos republicanos pelos seus esforços, que incluíram a abertura de um site especificamente virado para este sector do eleitorado, a grande visibilidade dada durante a campanha a membros do governo como Elaine Chao, a secretária do trabalho, e o recrutamento de

cerca de 10 mil voluntários asiático-americanos. O aparelho republicano espera reproduzir, com esta comunidade, o sucesso de 2000, quando obteve 36% do voto hispânico.

As razões desse êxito estão bem estudadas. George W. Bush terá compreendido mais cedo do que Al Gore a importância deste eleitorado, incluindo no seu staff gestores políticos hispânicos, desdobrando-se em entrevistas aos media de língua espanhola, onde pôs à prova os seus fracos conhecimentos dessa língua, recorrendo a membros mexicano-americanos da sua família para a campanha. Soube também capitalizar o descontentamento da comunidade cubano-americana com a gestão do caso Elian Gonzales por parte do Presidente Clinton, o que lhe terá dado a vitória na Florida e a boa vontade das televisões que emitem em espanhol a partir de Miami, a Univision e a Telemundo, vistas pela maioria dos eleitores hispânicos. Entretanto, Al Gore mantinha um incompreensível afastamento deste eleitorado, ignorando os media de língua espanhola.

Em 2004 os democratas não estão a repetir o erro das últimas presidenciais e a disputa pela confiança dos 38 milhões de hispano-americanos atingiu uma intensidade inédita. As motivações são óbvias. Os hispânicos constituem, desde 2002, a maior minoria étnica, ultrapassando os afro-americanos. Com um índice de crescimento avaliado em 1,5 milhões por ano, resultado de uma taxa de natalidade muito elevada e de um contínuo fluxo migratório, eles serão, em meados deste século, mais de 20% da população americana. Concentrados em Estados fundamentais para as presidenciais como o Novo México, a Califórnia, o Nevada, o Texas e Arizona ou a Florida, estão em condições de decidir quem será o próximo Presidente. Este eleitorado é maioritariamente de origem mexicana; segundo dados oficiais, a maioria é jovem, menos escolarizada e mais pobre do que a média nacional. Dos que estão recenseados, metade declara-se democrata, e 20% afirmam-se republicanos, o que parece indiciar um baixo nível de fidelidade partidária, já que 36% votaram em George W. Bush. Prever o seu voto é uma tarefa complexa, não só devido a esta flutuação, mas porque se lhes deverão juntar mais 2 milhões de eleitores recenseados em 2004.

Com os dois partidos igualmente empenhados na conquista destes votos, a política do *taco y sombrero* parece ultrapassada, não bastando balbuciar algumas frases em espanhol para os captar. Em abstracto, os democratas parecem estar em vantagem: não só são os herdeiros do tradicional partido dos imigrantes como são quem tem demonstrado maior sensibilidade pelos problemas dos ilegais, que rondam os 10 milhões. No entanto, num gesto preventivo, a administração Bush introduziu este ano

um programa de vistos de trabalho temporários que lhes abrem uma janela de oportunidade. Além disso, a imigração deixou de ser a preocupação máxima do eleitorado hispânico. Estudos recentes indicam como passou de primeira a quinta prioridade, depois da educação, da economia, da saúde e da guerra no Iraque.

À medida que as preocupações do eleitorado hispânico se aproximam das dos restantes americanos, os republicanos exploram, com algum sucesso, o conservadorismo social e moral da comunidade. Os seus programas de apoio a escolas privadas confessionais agradam a um eleitorado que prefere estabelecimentos de ensino católicos ao serviço escolar público, e uma agenda baseada em valores familiares tradicionais encontra algum eco numa comunidade ainda muito arreigada aos costumes dos países de origem. A procura de votos hispânicos implica, para os dois partidos, apreciáveis riscos junto de outros sectores do seu eleitorado. Para os democratas, os meios dedicados a este novo segmento podem levar à alienação de outras minorias étnicas há muito leais ao partido, nomeadamente o eleitorado afro-americano. Quanto aos republicanos, arriscam-se a desagradar ao seu eleitorado anti-imigração, que se reconhece mais na recente jeremiada de Samuel Huntington contra o «perigo hispânico» do que nas tentativas de hispanizar o velho partido «anglo». Entre Viva Bush e Unidos con Kerry, o eleitorado hispânico é, pela primeira vez, o centro das atenções políticas da nação. Nas palavras do governador hispânico do Novo México, o democrata Bill Richardson, «um gigante adormecido está prestes a explodir».